

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO

MARIA DE FÁTIMA DOS SANTOS

**ADAPTAÇÃO TRANSCULTURAL DA ESCALA DE PERCEPÇÃO DO SUCESSO
ESPORTIVO EM ATLETAS BRASILEIROS DE RUGBY EM CADEIRA DE RODAS**

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO
BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

MARIA DE FÁTIMA DOS SANTOS

**ADAPTAÇÃO TRANSCULTURAL DA ESCALA DE PERCEPÇÃO DO SUCESSO
ESPORTIVO EM ATLETAS BRASILEIROS DE RUGBY EM CADEIRA DE RODAS**

TCC apresentado ao Curso de Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Educação física.

Orientador: Saulo Fernandes Melo de Oliveira

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO

2017

Catálogo na fonte
Sistema de Bibliotecas da UFPE - Biblioteca Setorial do CAV
Bibliotecária Ana Ligia F. dos Santos - CRB-4/2005

S237a Santos, Maria de Fátima dos
Adaptação transcultural da escala de percepção do sucesso esportivo em atletas brasileiros de rugby em cadeira de rodas. / Maria de Fátima dos Santos. - Vitória de Santo Antão, 2017.

30 folhas.

Orientador: Saulo Fernandes Melo de Oliveira.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, CAV, Bacharelado em Educação Física, 2017.

Inclui referências.

1. Futebol Americano. 2. Pessoas com Deficiência. 3. Atletas. I. Oliveira, Saulo Fernandes Melo de (Orientador). II. Título.

796.333 CDD (23.ed.)

BIBCAV/UFPE-123/2017

MARIA DE FÁTIMA DOS SANTOS

**ADAPTAÇÃO TRANSCULTURAL DA ESCALA DE PERCEPÇÃO DO SUCESSO
ESPORTIVO EM ATLETAS BRASILEIROS DE RUGBY EM CADEIRA DE RODAS**

TCC apresentado ao Curso de Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, como requisito para a obtenção do título de bacharel em Educação Física.

Aprovado em: 13/07/2017.

BANCA EXAMINADORA

Profº. Msc. Saulo Fernandes Melo de Oliveira (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Profº. Dr. Francisco Xavier dos Santos (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Profº. Msc. Lúcia Inês Guedes Leite de Oliveira (Examinador Externo)
Faculdade Farec/ Unip

À meu pai Sebastião, ao meu esposo Henrique e aos meus irmãos Marcos, Ângela, Geovane e Maria do Carmo por toda paciência comigo nos 4 anos de graduação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelas vitórias alcançadas nesses 4 anos de curso onde aproveitei cada dia.

A universidade, professores, administração e coordenadores por me acolher e nunca ter se negado alguma informação.

Ao meu orientador Saulo Fernandes, por ter me ajudado na elaboração deste trabalho, pelos feriados, finais de semana que ele sempre me respondeu quando precisei, pelos incentivos e confiança que foi depositado a minha pessoa, meu muito obrigado.

Aos docentes Rosana Ximenes, Carol Leandro, Inês Guedes, Leonardo Fortes, Ary Gomes, José Antônio, Saulo Fernandes, Francisco Xavier, Adriano Bento por repassar com clareza e amor todos os assuntos necessários para minha graduação, não desmerecendo os outros.

A meu pai Sebastião e meus irmãos por todo incentivo e apoio que me ajudaram nos dias que eu não acreditava em mim, que mesmo sem saber dos assuntos de prova eles me ajudavam rezando para que desse tudo certo.

Aos meus amigos de sala que sempre abraçavam uns aos outros depositando confiança que iríamos concluir todos juntos.

Ao meu esposo por toda paciência e amor dedicado a mim, me acolhendo em todos os momentos de decisões que tinha a ser tomada, por acreditar que eu iria chegar sempre além do que eu imaginava, pelas palavras sábias e motivadoras nas ocasiões de aflição.

A todos que direto e indiretamente acreditaram em mim e de alguma forma participaram de minha formação acadêmica, meu muito obrigado.

RESUMO

Uma análise pioneira no Brasil, se tratando da modalidade do rúgbi em cadeira de rodas, através de uma abordagem social e esportiva, é assim que se configura o presente trabalho, com o intuito de estudar a percepção de sucesso nessa modalidade. Tendo em vista a carência de estudos como esse em modalidades pouco exploradas no nosso país. Tendo como objetivo realizar a tradução, retrotradução e adaptação transcultural da escala de sucesso esportivo para atletas brasileiros de rúgbi em cadeira de rodas. Foi utilizado um questionário já validado internacionalmente, na língua inglesa, como base para ser trabalhado de acordo com o objetivo. O presente estudo apresenta uma abordagem qualitativa de natureza aplicada gerando conhecimentos práticos, dirigidos a solucionar um problema específico. O questionário foi traduzido e adaptado para o português do Brasil com base no protocolo proposto por Tasiemski (2013). Portanto, solicitou ao autor da versão original a autorização para a tradução de sua obra, em seguida foi feita a retro tradução do questionário e por fim encaminhada de volta para o autor original onde deu seu parecer a avaliação final. A versão final do questionário foi devidamente retro traduzida por um terceiro especialista na língua inglesa, enviado para avaliação por parte do pesquisador criador da versão original do SAS-WR, que posteriormente aprovou a versão para utilização por parte de jogadores brasileiros. Através desses dados, torna-se possível fornecer informações úteis aos técnicos, podendo conhecer melhor seus atletas e criar um clima motivacional adequado para o melhor progresso da modalidade. Portanto o estudo a ser analisado tem uma grande importância não só para o pesquisador, mas também para esta modalidade esportiva e todo o cenário acadêmico, servindo como base para novas variáveis a serem estudadas.

Palavras- chave: Percepção de sucesso. Rúgbi em cadeira de rodas. Adaptação transcultural.

ABSTRACT

A pioneering analysis in Brazil, when it comes to wheelchair rugby, through a social and sportive approach, this is how the present work is configured, in order to study the perception of success in this modality. In view of the lack of studies like this in modalities little explored in our country. Having as to perform translation, retro translation and cross-cultural adaptation of the sports success scale for Brazilian rugby wheelchair athletes. An internationally validated questionnaire was used in English, as a basis to be worked according to the objective. This study presents a qualitative approach of an applied nature where it will generate practical knowledge, aimed at solving a specific problem. The questionnaire was translated and adapted to Brazilian Portuguese based on the protocol proposed by Tasiemski (2013). In order to do so, the author's original version was authorized for the translation to take place, then the questionnaire was retro-translated and finally sent back to the original author where the final evaluation was given. The final version of the questionnaire was duly retro translated by a third expert in the English language, sent for evaluation by the researcher creator of the original version of the SAS-WR, which later approved the version for use by Brazilian players. Through this data, it becomes possible to provide useful information to the technicians, being able to know better their athletes and create a suitable motivational climate for the best progress of the modality. Therefore the study to be analyzed is of great importance not only for the researcher, But also for this sports modality and the entire academic scenario, serving as the basis for new variables to be studied.

Keywords: Perception of success. Wheelchair rugby. Cross-cultural adaptation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 O ESPORTE E A PESSOA COM DEFICIÊNCIA	11
2.1 História e evolução do esporte adaptado	12
2.2 O esporte adaptado no Brasil	14
2.3 O rugby em cadeira de rodas e seu surgimento	15
3 A PERCEPÇÃO DE SUCESSO NO ESPORTE	18
4 OBJETIVO	20
5 METODOLOGIA	21
6 RESULTADOS	23
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	28

1 INTRODUÇÃO

O esporte é um fenômeno sociocultural que desperta a atenção devido a inúmeras características próprias, como a possibilidade de ascensão social, oportunidade de prática em condições de igualdade, melhoria da aptidão física, condições de saúde, e interação social entre outras.

De acordo com Araújo (1997), as primeiras práticas esportivas adaptadas teriam ocorrido nos EUA ainda nos anos 1870, com jogos adaptados para pessoas surdas. Entretanto, a trajetória do esporte para as pessoas com deficiência tem início após a II Guerra Mundial, momento no qual os países recebem de volta seus heróis de guerra, muitos deles com lesões graves, tais como: amputações, lesões medulares entre outros.

O rúgbi em cadeira de rodas, é mais uma de várias modalidades esportivas adaptadas, nasceu na década de 1970, em Winnipeg, no Canadá, e foi desenvolvido por atletas tetraplégicos. A estreia oficial ocorreu nos Jogos de Sydney, 2000, onde os Estados Unidos foram medalhistas de ouro, a Austrália ficou com a prata e a Nova Zelândia com o bronze. No Brasil, esse esporte ainda é pouco praticado, pois não está inserido tradicionalmente em nossa cultura.

Através deste estudo será possível enxergar que o esporte adaptado é um importante vetor para potencialização da melhoria da qualidade de vida dos praticantes, tanto relacionado à saúde quanto as oportunidades de sociabilização, tornando o indivíduo mais independente.

Brazuma e Castro (2001):

Relata que os benefícios do esporte como ferramenta para melhorar sua qualidade de vida, envolvendo aspectos pessoais e relacionais são inquestionáveis. Entretanto existem limitações neste processo que envolvem desde as lesões esportivas, doping até stress e aspectos motivacionais negativos. (p.155).

Diante de uma abordagem social e esportiva, o estudo da percepção de sucesso no esporte torna-se fundamental para a orientação às metas de atletas e para uma análise motivacional das diversas modalidades. No Brasil, existem vários estudos próprios acerca da análise de percepção de sucesso, entretanto existe uma

carência em modalidades menos tradicionais, ou até mesmo em esportes adaptados, como é o caso do rúgbi em cadeira de rodas, onde não existe uma escala de percepção de sucesso e nem de orientação a ser seguida na versão brasileira.

Tendo em vista a falta de estudos relacionados ao tema abordado e a necessidade de uma melhor compreensão da percepção de sucesso esportivo dos atletas brasileiros de rúgbi em cadeira de rodas, é notório a viabilidade de se aprofundar nessa temática, enfatizando o pioneirismo em tal adaptação transcultural. Portanto o estudo a ser analisado tem uma grande importância não só para o pesquisador, mas também para esta modalidade esportiva e todo o cenário acadêmico, servindo como base para novas variáveis a serem estudadas.

Com a conclusão da pesquisa, o resultado do questionário poderá ser utilizado pelos técnicos, a fim de conhecer melhor seus atletas e criar um clima motivacional adequado, proporcionando o melhor desenvolvimento desta modalidade de rúgbi, fazendo com que os atletas não busquem somente o sucesso esportivo individual, mas sim o sucesso em equipe.

2 O ESPORTE E A PESSOA COM DEFICIÊNCIA

A importância da prática de esportes para todos os seres humanos é algo indiscutível, pois traz inúmeros benefícios para melhoria da qualidade de vida de todos praticantes, partindo do ponto de vista da necessidade que o corpo humano tem de estar sempre ativo, tanto para o bom funcionamento de seus sistemas quanto para promoção da saúde de forma em geral.

Diante desse contexto Pedrinelli e Verenguer (2013) afirmam que é preciso considerar ao longo do tempo, fomos acostumados a associar a prática da Educação Física e do Esporte aos conceitos de desempenho, rendimento, recordes. Fomos treinados para buscar resultados: “o mais forte”, “o mais rápido”, “o mais habilidoso”, “o melhor”. Contudo, podemos pensar a prática de atividade física pelo seu aspecto estético, simbólico, desafiador, social. Podemos refletir sobre o significado pessoal e individual da prática da atividade física para aqueles que são “deficientes”.

Castro (2005) define a atividade física adaptada como um corpo de conhecimentos interdisciplinares dirigidos à identificação e solução de problemas psicomotores ao longo do período vital, esses problemas podem ter origem no indivíduo em si ou no ambiente. Ainda nessa abordagem, a autora descreve a importância da atividade física adaptada na reabilitação de indivíduos com algum tipo de limitação física ou psicológica. Segundo Castro (2005, p. 28):

O objetivo da atividade física adaptada é integrar e aplicar fundamentos teórico-práticos das várias disciplinas de motricidade humana e áreas vizinhas da saúde e educação. Estes fundamentos integram diferentes programas educacionais e de reabilitação para indivíduos de todas as faixas etárias que não se ajustam total ou parcialmente às demandas das instituições sociais (por exemplo: família, escola, trabalho, comunidade em geral).

Já analisando do ponto de vista inclusivo, o esporte também tem relevância na inclusão da pessoa com deficiência, podendo assumir diferentes abordagens. De acordo com Pedrinelli e Nabeiro (2012), é possível pensar a inclusão como meio para uma pessoa com deficiência integrar uma equipe de modalidade paralímpica (inclusão no esporte); ou considerar que a prática esportiva como fenômeno cultural possibilita a seus praticantes com deficiência serem reconhecidos e valorizados

socialmente (o esporte como meio para inclusão social); ou ainda pensar que a forma com que as atividades são promovidas (a prática esportiva exercida de forma inclusiva) permite às pessoas que estabeleçam relações recíprocas para melhor se conhecerem.

Ainda é um desafio para participantes e profissionais entender e viabilizar a prática esportiva como meio de inclusão, a fim de conseguir a promoção da aceitação social, garantindo o direito à participação desses indivíduos em atividades consideradas para pessoas sem deficiência.

Como explica Pedrinelli e Nabeiro (2012, p 21):

A inclusão da pessoa com deficiência no esporte significa oferecer a oportunidade e incentivar a adesão de qualquer pessoa com deficiência à prática esportiva. A oferta ou propriamente a diversificação na oferta de programas esportivos constitui um verdadeiro desafio, uma vez que em muitas comunidades ou municípios a existência de programas esportivos estruturados é muitas vezes escasso. A elegibilidade, ou seja, os critérios mínimos de participação, determinados pelas organizações regulamentadoras, podem eventualmente restringir o acesso e, portanto, merecem constante revisão ou modificação para ampliar a adesão das pessoas com deficiência.

Portanto, com a prática de atividade física e a inserção em alguma modalidade esportiva adaptada, aliada ao apoio familiar e social, compreende-se que é uma maneira eficaz de uma pessoa com deficiência conseguir atingir a tão desejada inclusão social.

2.1 História e evolução do esporte adaptado

Para se entender o atual cenário do esporte adaptado, é necessário fazer uma abordagem histórica desde o início quando se começou a usar essa terminologia, no final do século XIX, até os dias de hoje.

De acordo com Araújo (1997), as primeiras práticas esportivas adaptadas teriam ocorrido nos EUA ainda nos anos 1870, com jogos adaptados para pessoas surdas. Entretanto, a trajetória do esporte para as pessoas com deficiência tem início após a II Guerra Mundial, momento no qual os países recebem de volta seus

heróis de guerra, muitos deles com lesões graves, tais como: amputações, lesões medulares entre outros.

Devido ao grande número de pessoas que adquiriram algum tipo de deficiência durante a defesa de seu país em uma guerra, os centros de reabilitação começaram a incluir dentro do seu quadro, atividades esportivas adaptadas as condições dos soldados lesionados. Em 1944, foi fundado por Dr. Gutmann no Hospital da cidade de Stoke Mandiville (Grã- Bretanha), o centro de Reabilitação para Soldados com Lesão Medular, tendo início, assim os primeiros jogos adaptados para cadeira de rodas Gutmann (1976).

Segundo Baily (2008), o esporte adaptado era uma forma de melhorar a qualidade de vida e a condição psicológica dessas pessoas. A pratica de atividades competitivas pelas pessoas com lesão medular e outras deficiências similares servia como elemento motivador para que elas buscassem uma integração com o ambiente não hospitalar.

Ao se falar da evolução do Esporte Adaptado é importante falar da transição da ginastica médica para as atividades esportivas por conta da valorização e introdução do esporte na cultura americana, nos anos de 1900 a 1950, além do mais, foi nesse período que ocorreu o retorno dos veteranos de guerra. De acordo com essas evidencias, Sherrill (1998), afirma que esse período foi marcado pelo afastamento do treinamento médico na preparação do profissional. Em 1928 foram publicados os dois primeiros livros-textos usando o termo educação física corretiva.

Se tratando dos Jogos de Stoke Mandeville, Araújo (1997) entende que eles “não só contribuíram para o desenvolvimento das atividades do esporte competitivo como também para o conhecimento sobre as habilidades dos lesados medulares”

Conforme explica Winckler e Parsons (2012) os primeiros Jogos de Stoke Mandeville tiveram datas coincidentes com o dia da abertura dos Jogos Olímpicos de Londres, em 1948. Assim, o paralelo com os Jogos Olímpicos estava tendo sua origem. Salientando que o termo paralímpico é uma associação do prefixo grego “para” que significa paralelo, e o termo “Olímpico” que, segundo o IPC (2010 *apud* Parsons; Winckler, 2012), representa a condição paralela entre os jogos Olímpicos e Paralímpicos.

A nona edição na mesma cidade sede dos Jogos Olímpicos, em Roma (1960), logo depois das competições olímpicas. Sendo 400 atletas de 23 países com o apoio do COI, marcando, assim, o início dos jogos Paralímpicos.

Já as Paralimpíadas do Rio (2016), teve um total de 4.300 atletas inscritos de 159 países, com a China liderando o quadro de medalhas, 239 no total. O Brasil terminou com a modesta oitava colocação, porém com desempenho bastante elogiado, devido à grande evolução comparada com as outras edições, sua melhor participação, com 72 medalhas. (BARROS, 2016)

2.2 O esporte adaptado no Brasil

Através de pesquisas bibliográficas percebe-se que no Brasil a chegada do esporte paralímpico está associada com o retorno de duas pessoas dos Estados Unidos que foram buscar terapias para reabilitação de suas lesões medulares. No Rio de Janeiro, em 1º de abril de 1958, Robson Sampaio de Almeida, ao voltar de seu tratamento, em parceria com Aldo Miccolis, funda o Clube do Otimismo. Na cidade de São Paulo, no dia 28 de julho, Sergio Seraphin Del Grande cria o Clube dos Paraplégicos de São Paulo. Winckler e Costa (2012).

A partir deste marco, o esporte adaptado foi crescendo no país, porém lentamente e em locais isolados, direcionados aos grandes centros. Segundo Brazuna e Castro (2002), a primeira participação brasileira em paralimpíadas ocorreu no ano de 1972, na Alemanha e em apenas uma modalidade, a Bocha. Mas a primeira competição internacional em que o Brasil teve participação foi os Jogos Parapan-Americanos de Buenos Aires, em 1969. A finalidade desta participação era de buscar conhecimento das modalidades que integravam os eventos paralímpicos.

Com o passar dos anos o esporte adaptado foi tomando maiores proporções no cenário nacional, com uma maior quantidade de adeptos de várias modalidades e uma maior visibilidade tanto da mídia quanto das entidades públicas.

Em sua última participação nos Jogos Paralímpicos, no Rio de Janeiro, o Brasil teve a maior delegação da história. De acordo com o site oficial, foram 286 atletas que disputaram 22 modalidades. Com um total de 72 medalhas

conquistadas, em 13 esportes diferentes: 14 de ouro, 29 pratas e 29 bronzes, além de 99 finais disputadas. Todos os medalhistas do Brasil recebem o apoio financeiro do programa Bolsa Atleta do Ministério do Esporte. Participação bastante comemorada pelo Governo Federal, nas palavras do ministro do Esporte Leonardo Picciani em pronunciamento publicado pelo site Brasil (2016, sem paginação).

Nós tivemos 32 medalhas inéditas em provas, classes e modalidades novas, como canoagem e ciclismo. Tivemos também conquistas inéditas no halterofilismo e no voleibol sentado (...) Encerramos os Jogos Rio 2016 com a certeza de que o Brasil fez uma belíssima campanha, tanto nos Jogos Olímpicos quanto nos Paralímpicos. Foi uma participação extraordinária dos atletas nacionais. Vamos agora voltar as atenções para o ciclo de Tóquio 2020, onde teremos a possibilidade de usar a infraestrutura de legado olímpico, aqui no Rio e em outras cidades do país, como no Centro Paralímpico Brasileiro, em São Paulo” disse o ministro.

Então desde o surgimento dos esportes adaptados no Brasil até a história recente, em muito se percebe o aumento nos investimentos públicos e a aceitação da sociedade em aderir a essa ideologia inclusiva e ao mesmo tempo competitiva, mostrando seu avanço ao longo do tempo através de números e estatísticas.

2.3 O rugby em cadeira de rodas e seu surgimento

O Rugby em Cadeira de Rodas (RCR) é praticado por pessoas com lesão medular caracterizada como tetraplegia, ou com quadros de tetra equivalência, como alguns tipos de paralisia cerebral, amputações/deformidades em seus quatro membros, sequelas de poliomielite, entre outras (IWRF, 2017). O RCR atende, assim, uma população que não consegue se inserir em outros tipos de esporte coletivo por apresentarem grandes déficits motores.

Essa nova modalidade adaptada surgiu no ano de 1977, em Winnipeg, no Canadá e foi desenvolvida inicialmente por atletas tetraplégicos. Foi reconhecido oficialmente como um esporte internacional para pessoas com deficiência em 1993, quando contava com a participação de 15 equipes de países diferentes. Nesse mesmo ano, a Federação Internacional de Rúgbi em Cadeira de Rodas – International Wheelchair Rugby Federation (IWRF) – foi criada e reconhecida pela

Federação Internacional de Esportes em Cadeira de Rodas de Stoke Mandeville – International Stoke Mandeville Wheelchair Sports Federation (ISMWSF).

O RCR foi incluído como modalidade de demonstração nos Jogos Paralímpicos de Atlanta em 1996, entretanto só teve sua participação oficial nos Jogos de Sydney- 2000, no qual os Estados Unidos conquistaram a medalha de ouro, seguido por Austrália com a prata e a Nova Zelândia com o bronze.

Algo interessante que chama a atenção no RCR é o fato de ser a única modalidade a permitir homens e mulheres disputarem as partidas em condições de igualdade, como relata Campana e Santana (2014):

Considerando ainda a não diferença de gêneros, sendo a única modalidade paraolímpica coletiva que permite ao gênero feminino disputar em condições de igualdade em relação ao gênero masculino. Dessa forma, acredita-se que esses são os motivos pelos quais o RCR é a modalidade paradesportiva que mais cresce no mundo. (p. 81)

Entretanto o surgimento no Brasil teve como marco a participação oficial em um campeonato mundial organizado pela IWRF no ano de 2005, mesmo sem os atletas terem nenhuma experiência com a modalidade, sendo quase todos vindos do basquete em cadeira de rodas, além de não ter praticamente nenhum patrocínio e nem recursos suficientes para uma apresentação satisfatória. Campana e Santana (2014).

Dessa competição surgiram as duas primeiras equipes de RCR do Brasil, o Rio Quad-rugby Clube e o Guerreiros da Inclusão, ambos na cidade do Rio de Janeiro com atletas renascente dos Jogos de 2005. Já em 2008 foi criada a Associação Brasileira de Rúgbi em Cadeira de Rodas (ABRC), onde acompanhou junto com a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), o início dos treinos de uma terceira equipe de rúgbi, já em 2008 ocorreu a campeonato brasileiro de rúgbi em cadeira de rodas no Rio de Janeiro com as três equipes. (CAMPANA; GORLA 2014).

O Rugby em Cadeira de Rodas, assim como outras modalidades paralímpicas, apresentam um sistema de classificação funcional no qual, os atletas

são divididos em sete classes funcionais: 0.5, 1.0, 1.5, 2.0, 2.5, 3.0 e 3.5, sendo que, quanto menor a classificação funcional, maior é o comprometimento motor. O jogo ocorre em quadras com dimensões do basquetebol convencional e é utilizada uma bola semelhante à do voleibol. A partida é disputada em quatro períodos de oito minutos, com quatro atletas por equipe, com no máximo 8 pontos (soma da classificação funcional) em quadra. (ABRC, 2017)

Atualmente o Rúgbi em Cadeira de Rodas está disseminado por praticamente todo planeta, tendo como principais equipes, de acordo com o ranking oficial da IWRF, a Austrália, seguida por Estados Unidos, Japão, Canadá e Grã-Bretanha. O Brasil ocupa o 19º lugar. (IWRF, 2017)

No Brasil existe hoje 13 equipes na 1º divisão e 5 equipes na 2ª divisão. Sendo a equipe Minas Quad-rugby a atual campeã da modalidade, segundo a entidade oficial do RCR, a ABRC.

3 A PERCEPÇÃO DE SUCESSO NO ESPORTE

A percepção de sucesso é a maneira pela qual o atleta percebe o sucesso através da sua participação no esporte, analisando suas limitações e como ele poderá almejar um espaço satisfatório dentro dessa realidade. Através dessa perspectiva é que se analisa o aspecto motivacional relacionado a sua atuação e a seus objetivos individuais e em grupo.

No sentido de se analisar o que se entende por percepção, Robbins (2005), afirma que é o processo pelo qual os indivíduos organizam e interpretam suas impressões sensoriais com a finalidade de dar sentido ao seu ambiente. Embora a percepção tenha uma definição voltada para os órgãos dos sentidos, ou seja, para a interpretação de fatos concretos, a Psicologia considera este termo para os estudos do comportamento, pois o comportamento das pessoas é baseado na interpretação que fazem da realidade e não na realidade em si. O termo é amplamente utilizado em pesquisas de mercado, para avaliar a percepção do consumidor ou do cliente sobre um produto do mercado ou sobre uma empresa.

Numa outra abordagem, analisando a percepção de sucesso, Ames (1992), entende que quando os atletas são envolvidos na tomada de decisão de melhorar a sua capacidade, o sucesso é definido e avaliado em termos de esforço e melhoria individual. A descoberta de novas estratégias e a aprendizagem são encorajadas, e a pessoa provavelmente perceberá seu ambiente esportivo orientado para a tarefa. Ao contrário, quando a ênfase da aprendizagem está em comparação interpessoal, a avaliação é baseada na comparação com o outro, o tempo destinado à aprendizagem é inflexível; então provavelmente o atleta terá uma percepção do clima motivacional na orientação para o ego. É prevista uma melhor adaptação do atleta ao clima motivacional orientado para a tarefa do que para o ego.

De acordo com Bergamini (1993), a motivação encontra-se no interior de cada pessoa, é uma força ligada a um desejo de realizar alguma coisa, é o processo responsável pela direção, intensidade e persistência dos esforços de uma pessoa para que alcance determinada meta.

Para Tasiemski (2013), o sucesso em esportes de equipe é determinado por vários fatores, dos quais o mais comumente mencionados são: técnica, preparação e treinamento tático, bem como físico e mental. A investigação nesta área em atletas sem deficiência já foi realizada, no entanto, pouco se sabe sobre as determinantes do sucesso esportivo entre os atletas com deficiências.

Ainda sobre o estudo de Tasiemski (2013), o rúgbi em cadeira de rodas destina-se principalmente para os indivíduos com lesão medular cervical (LMC), embora seja aberto às pessoas que apresentam outras deficiências locomotoras, desde que elas tenham pelo menos três membros com déficits funcionais. A definição de sucesso esportivo nessa modalidade pode começar pela compreensão de como motivar e orientar as pessoas com deficiência, especialmente aqueles com LMC que decidem praticar atividade física.

Segundo Benk e Casal (2006):

A percepção de sucesso também exerce influência decisiva na atribuição de causalidade, pois muitos esportes possuem uma forma clara e objetiva de vencer e perder, enquanto que em esportes como a patinação artística, a ginástica rítmica e a ginástica olímpica, vencer e perder são menos definidos e bem menos objetivos. Os ginastas, por exemplo, podem perceber sucesso e fracasso não em termos de primeiro ou último na classificação, mas em termos de realização pessoal, nível de excelência e contribuição para o resultado da equipe. (p.1).

No esporte como um todo, os atletas têm diferentes pontos de vista em relação a maneira como percebem o sucesso, no entanto essa percepção está sempre diretamente relacionada com a motivação, pois quanto mais o atleta se sente realizado no esporte melhora seu nível de atuação e aumenta as chances de ser bem sucedido na carreira profissional e pessoal.

4 OBJETIVO

Realizar a tradução, retrotradução e adaptação transcultural da escala de sucesso esportivo para atletas brasileiros de rúgbi em cadeira de rodas.

5 METODOLOGIA

Caracterização da pesquisa

Este estudo apresenta uma abordagem qualitativa de natureza aplicada gerando conhecimentos práticos, dirigidos a solucionar um problema específico, utilizando uma pesquisa com objetivos descritivo, questionário, assim reunindo todo levantamento necessário para a pesquisa.

Escala de Percepção de Sucesso Esportivo do Rúgbi em Cadeiras de Rodas (Success Perception Scale of Wheelchair Rugby, SAS-WR)

A escala de sucesso adaptada funciona da mesma forma da escala original, foi criada por pesquisadores poloneses, sendo o líder da pesquisa o senhor Tasiesmski (2013), a escala funciona da seguinte forma: ela tem doze perguntas, das doze tenho sub escalas que orienta o profissional, treinador, terapeuta, psicólogo do esporte para a avaliação de que dimensões de percepções de sucesso o atleta pode ter ou espera de alcançar de sucesso na modalidade específica do rúgbi, e para cada pergunta sendo ela avaliada na escala de aproximação Linkert que varia de um a cinco perguntas, tendo cinco opção de resposta que só pode escolher uma que varia tal dimensão que a escala pergunta se aquilo tem muita importância ou pouca para o atleta, o somatório das perguntas um dois e três fornece o valor do sucesso esportivo individual, o somatório das perguntas quatro, cinco e seis dará o resultado do sucesso esportivo nacional, o somatório sete, oito e nove, por sua vez, indicará o sucesso internacional e o somatório dez, onze e doze dará a percepção de sucesso social.

A partir da resposta do atleta, o treinador terá condições de mais ou menos saber onde ele espera ter mais participação com a modalidade, e assim selecionar pessoas com percepções de sucesso parecidas para fazer parte de uma equipe, modulando ou alterando o estilo de treinamento para tentar focar no objetivo que o atleta espera alcançar, e assim sucessivamente.

Processo de Adaptação Transcultural- (Tradução e retrotradução)

O questionário foi traduzido e adaptado para o português do Brasil com base no protocolo proposto por Tasiemski (2013). Para tanto, obteve-se a autorização do autor da versão original, para que ocorra a tradução, em seguida foi feita a retro tradução do questionário e por fim encaminhada de volta para o autor original onde deu seu parecer a avaliação final.

6 RESULTADOS

No quadro 1 são apresentadas a versão original (coluna 1), primeira (coluna 2) e segundas traduções (coluna 3) do questionário SAS-WR, por cada item adaptado à realidade brasileira.

Quadro 1 - Tradução e adaptação transcultural do questionário SAS-WR

Nº	VERSÃO ORIGINAL	TRADUÇÃO 1	TRADUÇÃO 2
1	Qualifying to be a player on my wheelchair rugby team's roster	Estar qualificado para ser um jogador no elenco da minha equipe de rúgbi de cadeira de rodas	Ser selecionado para pertencer a uma equipe
2	Selected by the coach to play in a game	Ser escolhido pelo técnico para jogar	Ser selecionado pelo treinador para participar de um jogo
3	Qualifying to be a player on the wheelchair rugby national team	Estar qualificado para ser um jogador na seleção brasileira de rúgbi em cadeira de rodas	Ser convocado para a seleção nacional
4	Team being highly ranked in a PWRL tournament	Minha equipe ser bem classificada em um torneio da ABCR	Minha equipe está altamente ranqueada no torneio nacional
5	Team being highly ranked in PWRL overall classification	Minha equipe ser bem classificada no rank geral da ABCR	Minha equipe está altamente ranqueada na classificação geral do torneio nacional
6	Team advancing to a higher group in PWRL	Minha equipe avançar para uma maior classificação/divisão no Rank da ABCR	Minha equipe se classifica para a 1ª divisão do campeonato nacional
7	Team winning first place in the European Championships	Minha equipe ganhar o primeiro lugar no Campeonato Brasileiro	Minha equipe vence o campeonato sulamericano
8	Team qualifying for the World Championships	Minha equipe/seleção se qualificar para Campeonatos Sulamericanos e Mundiais	Minha equipe se qualifica para o campeonato mundial
9	Team winning first place in the World Championships	Minha equipe/seleção ganhar o primeiro lugar em Campeonatos Sulamericanos e Mundiais	Minha equipe vence o campeonato mundial
10	Achieving social prestige	Alcançar prestígio social	Alcançar prestígio social
11	Developing social contacts	Desenvolvimento de contatos sociais	Aumentar os contatos sociais
12	Improving my fitness level	12. Melhorar o meu nível de condicionamento físico	Melhorar minha condição física

Fonte: Santos, 2017.

Nota: Quadro elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa.

Após analisar ambas versões traduzidas, os pesquisadores proponentes se reuniram para gerar uma última versão do questionário no sentido de prover um consenso entre os itens adaptados. Na tabela 2 segue a versão final do questionário SAS-WR.

Quadro 2 - Versão final dos itens do SAS-WR após tradução e adaptação transcultural

Nº	Itens do questionário
1	Ser selecionado para pertencer a uma equipe
2	Ser escolhido pelo técnico para jogar
3	Ser convocado para ser um jogador na seleção brasileira de rúgbi em cadeira de rodas
4	Minha equipe está altamente ranqueada no torneio nacional
5	Minha equipe ser bem classificada no ranking geral nacional
6	Minha equipe avançar para uma maior classificação/divisão no nacional
7	Minha equipe ganhar o primeiro lugar no Campeonato Brasileiro
8	Minha equipe/seleção se qualificar para Campeonatos Sulamericanos e Mundiais
9	Minha equipe vence o campeonato mundial
10	Alcançar prestígio social
11	Aumentar os contatos sociais
12	Melhorar minha condição física

Fonte: Santos, 2017.

Nota: Quadro elaborada pela autora com base nos resultados obtidos na pesquisa.

A versão final do questionário foi devidamente retro traduzida por um terceiro especialista na língua inglesa, enviado para avaliação por parte do pesquisador criador da versão original do SAS-WR, que posteriormente aprovou a versão para utilização por parte de jogadores brasileiros.

DISCUSSÃO

Inicialmente, vale ressaltar que esta parece ser a primeira pesquisa realizada no Brasil em que se procurou analisar indicadores relacionados à percepção de sucesso esportivo em atletas de rúgbi em cadeira de rodas, através do questionário Success Perception Scale of Wheelchair Rugby, SAS-WR, reconhecido e validado internacionalmente.

É cabido que a prática de atividade física é imprescindível para uma boa saúde e melhoria da qualidade de vida das pessoas em geral, mas quando se trata de pessoas com algum tipo de deficiência esses benefícios são ainda mais potencializados, trazendo resultados imensuráveis para esses indivíduos.

Segundo Cardoso (2011):

A prática de atividades desportivas para pessoas com deficiências, além de proporcionar todos os benefícios para seu bem-estar e qualidade de vida, também é a oportunidade de testar seus limites e potencialidades, prevenir as enfermidades secundárias à sua deficiência e promover a integração social e a reabilitação da pessoa com deficiência. (...) Os benefícios da prática desportiva pela pessoa com deficiência são facilmente perceptíveis, melhorias em seu aspecto físico-motor, psicológico e social são evidenciados por grande parte de professores e estudiosos da área do desporto adaptado e contribuem positivamente para a qualidade de vida da pessoa com deficiência. (p. 533).

Do mesmo modo que são inúmeros os benefícios trazidos pela prática de esportes adaptados, também são incontáveis os desafios e limitações enfrentados pelas pessoas com deficiência, principalmente no tocante às complicações de saúde e dificuldade para se obter uma boa qualidade de vida.

Uma das principais dificuldades enfrentadas pelos indivíduos que possuem um grau de deficiência mais elevado, relacionado à tetraplegia, é a falta de controle do organismo sobre suas funções básicas, onde dificulta o acesso a reforçadores ambientais e aumenta a probabilidade de depressão.

Para Brazuma e Castro (2001)

Muitos atletas que param com os treinos sentem como se tivessem perdido algo. O desempenho atlético é associado com ganhos significativos não só na capacidade física e manutenção de independência, mas também para a saúde mental, incluindo a percepção de competência e identidade pessoal. (p.120).

Nesse mesmo sentido, Della Coleta (2004) ressalta que quando um indivíduo percebe que seu comportamento afeta seu estado de saúde e qualidade de vida é mais provável que ele procure se engajar em ações de autocuidado à saúde, e em estratégias saudáveis de enfrentamento, sentindo a necessidade de buscar suporte social, inclusive experiências de lazer e de trabalho.

O mesmo autor (DELLA COLETA, 2004) observaram que ocorre uma melhoria na qualidade de vida dos praticantes de rúgbi em cadeira de rodas, através da medição da percepção de sucesso, mostrando que eles continuam sendo úteis à sociedade, mesmo com tantas adversidades e preconceitos vivenciados no seu cotidiano.

Há no país um grande número de pessoas com deficiência, cerca de 6,2% da população, segundo dados do IBGE, 2015, e sendo mais específico quanto ao número de pessoas com deficiência motora, aproximadamente 1,3% da população, sendo quase a metade desses com um grau intenso ou muito intenso de limitações. Tendo em vista esses dados, percebe-se um grande público predisposto a ingressar na vida esportiva, enxergando o esporte como fator primordial de voltar a vida social, além da possibilidade de melhoria física e psicológica.

Atualmente existe inúmeras modalidades esportivas adaptadas às pessoas com deficiências, desde esportes individuais até esportes coletivos considerados mais complexos, tornando o Brasil um forte candidato a se tornar uma potência no esporte. Portanto quanto maior a quantidade de opções, maior será a possibilidade do indivíduo se identificar com um esporte que mais se adeque as suas necessidades, encontrando um novo sentido para essa sua nova trajetória. E com a análise dessa pesquisa, verifica-se o rúgbi em cadeira de rodas como uma oportunidade nova e atrativa para pessoas que buscam melhoria na qualidade de vida.

Sendo assim, o questionário de percepção de sucesso esportivo para atletas brasileiros de rúgbi em cadeiras de rodas, vai trazer uma nova visão a treinadores, psicólogos, fisioterapeutas, médicos e toda equipe de como lidar e trabalhar o sucesso esportivo. Logo, será proveitoso a utilização do questionário em centros de reabilitação e treinamento, para que seja selecionado novos talentos ou mesmo nortear os treinadores na elaboração de planejamento para suas equipes.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da necessidade de ter na língua portuguesa um questionário específico para se analisar a percepção de sucesso esportivo dos atletas de rúgbi em cadeira de rodas, tendo em vista que já existe uma versão em inglês, fica nítida a importância da tradução, retro tradução e adaptação para língua brasileira.

O resultado desse trabalho foi criar uma versão brasileira da Escala de Percepção de Sucesso Esportivo do Rúgbi em Cadeiras de Rodas (Success Perception Scale of Wheelchair Rugby, SAS-WR) e utilizá-la numa pesquisa com atletas profissionais desse esporte adaptado, analisando como é a percepção de sucesso de cada um, tanto na óptica individual quanto na coletiva. Onde se torna possível, através desses dados, fornecer informações úteis aos técnicos, podendo conhecer melhor seus atletas e criar um clima motivacional adequado para o melhor progresso da modalidade.

Diante de todo exposto, percebe-se que os objetivos inicialmente elencados foram alcançados. Para tanto foi utilizado um questionário já validado internacionalmente como base para fazer sua adaptação, além de contar com o uso de referências de livros especializados no assunto. Entretanto, devido a delimitação do tema e por ser muito restritivo, ficam algumas questões que não foram interessantes nesse momento serem abordadas, que em outras pesquisas poderão ser mais exploradas e aprofundadas por próximas gerações.

Portanto o estudo a ser analisado tem uma grande importância não só para o pesquisador, mas também para esta modalidade esportiva e todo o cenário acadêmico, servindo como base para novas variáveis a serem estudadas.

REFERÊNCIAS

ABRC. **Associação Brasileira de Rugby em Cadeira de Rodas**. Rio de Janeiro: [s.n.], 2017. Disponível em: < <http://rugbiabrc.org.br/> > Acesso em: 12 maio 2017.

AMES, C. Classrooms: Goals, Structures, and Student Motivation. **Jornal of education Psychology**, Washington, v. 84, n. 3. 1992 p. 261-171.

Disponível em:

<<http://www.df.superesportes.com.br/app/noticias/especiais/olimpiadas/jogos2016/jogos2016-noticias/2016/09/07/noticia-jogos2016,61444/apos-incertezaparaolimpiadas-comecam-com-4-300-atletas-de-159-paises.shtml>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

ARAÚJO, P.F. **Desporto Adaptado no Brasil**: Origem, Institucionalização e atualidades. 1997. 152. F. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997. Disponível em:<<http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/275284/1/Ara%3Fjo%2C%20Pau%20Ferreira.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

BAILEY, S. **Athlete First**: A History of the Paralympic Movement. London: Wiley and Sons, 2008. 302 p.

BALCON, W. B. Athletes with physical and cognitive disabilities. **SportsMed**, New Haven, v.8 n.12, jun. 2003. Disponível em < <http://sportforlife.ca/athletes-with-disabilities> > Acesso em: 11 jan. 2017.

BARROS, B. Desempenho do Brasil nas Paralimpíadas é elogiado e investimentos estão garantidos. In: BRASIL. Ministério do Esporte. **Rede Nacional do Esporte**. [Brasília]: Ministério do Esporte, 2016. Notícias. Disponível em: <<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/noticias/ministro-elogia-desempenho-do-brasil-nas-paralimpiadas-e-garante-investimentos>> Acesso em: 10 fev 2017.

BENCK, T. R; CASAL, V. M. H. Atribuições de causalidade para o sucesso e fracasso em diferentes modalidades esportivas. **Revista Digital Efdeportes**, Buenos Aires, v. 10, n. 92, jan. 2006. Disponível em:<<http://www.efdeportes.com/efd92/atrib.htm>> Acesso em: 10 maio 2017.

BERGAMINI, C. W. **Motivação nas organizações**. São Paulo: Atlas. 1986.

APÓS incertezas, Paralimpíadas começam com 4.300 atletas de 159 países. **Super Esportes**, [Belo Horizonte], 07 set. 2016. Disponível em: <<http://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/ultimas-noticias/1,1208,19,908/2016/09/07/noticia-jogos2016,61444/apos-incertezas-paralimpiadas-comecam-com-4-300-atletas-de-159-paises.shtml>>. Acesso em: 10 de maio 2017.

BRAZUNA, M. R.; CASTRO, E. M. A trajetória do atleta portador de deficiência física no esporte adaptado de rendimento: uma revisão da literatura. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 7, n.2, p. 115-123, jul-dez, 2001. Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/07n2/Brazuna.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

CAMPANA, M. B. et al. O rúgbi em cadeira de rodas: aspectos técnicos e táticos e diretrizes para seu desenvolvimento. **Motriz**, Rio Claro, v.17, n.4, p.748-757, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/motriz/v17n4/a20v17n4.pdf>> acesso em: 10 fev 2017.

CAMPANA, M. B.; GORLA, J. I. **Rugby em cadeira de rodas: fundamentos e diretrizes**. São Paulo: Phorte, 2014.

CARDOSO, D. V. A reabilitação de pessoas com deficiências através do desporto adaptado. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 529-539, abr./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbce/v33n2/17.pdf>> Acesso em: 10 maio 2017.

COSTA, A. M; WINCKLER, C. A educação física e o Esporte Paralímpico. In: MELLO, de; WINCKLER, Ciro. **Esporte paraolímpico**. São Paulo; Atheneu, 2012. Cap.2. p. 15-20.

DELA COLETA, M. F. Locus de controle e saúde. In: DELA COLETA, M. F. (Org.), **Modelos para pesquisa e modificação de comportamentos de saúde: teorias, estudos e instrumentos**. Taubaté, São Paulo: Cabral; Livraria Universitária. 2004. p. 199-238.

GUTMANN L. **Textbook of Sportfor the Dissablet**. Aylesbury: Scruton, 1976. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1859522/pdf/brjsmed00275-0050a.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

IWRC.INTERNATIONAL WHEELCHAIR RUGBY FEDERATION. Rankings. In: _____. **[Site da] International Wheelchair Rugby Federation**. Delta, CAN: IWRC, 2017. Disponível em: <http://www.iwrf.com/?page=rules_and_documents> Acesso em: 15 maio 2017.

CASTRO, M. E. **Atividade física adaptada**. São Paulo: Tecmedd, 2005.

ROBERTS, G. C. (Ed) **Motivation in sport and exercise**. Champaign: Human Kinetics, 1992.

PEDRINELLI, Verena; NABEIRO, Marli. A prática do esporte pela pessoa com deficiência: na perspectiva da inclusão. In: MELLO, Tulio de; WINCKLER, Ciro. **Esporte paralímpico**. São Paulo: Atheneu, 2012. Cap.3. p. 21-25.

PEDRINELLI, V.; VERENGUER, R. Educação física adaptada: introdução ao universo das possibilidades. In: GREGUOL, M.; COSTA, R. **Atividade Física Adaptada**. Barueri. SP: Manole, 2013. Cap.1. p.1-29.

ROBERTS, G. C. **Advances in Motivation in Sport and Exercise**. Illinois: Human Kinetics, 2001. Disponível em: <<http://www.humankinetics.com/products/all-products/advances-in-motivation-in-sport-and-exercise-3rd-edition-ebook>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

ROBBINS, S. P. **Comportamento Organizacional**. 11. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

SANT'ANNA, M. M. S.; PRATES, R. História do rúgbi em cadeira de rodas no Brasil. **Adapta**, São Paulo, v. 8, p. 32-38, 2012.

CAMPANA, B. M; SANTA`ANNA, M. M. S. O esporte adaptado e o rugby em cadeira de rodas. In: CAMPANA, B. M; GORLA, I. J. **Rugby em cadeira de rodas**. São Paulo: Phorte, 2014. Cap. 2 p. 77-94.

SCALLON, R. M. (Org.) **Psicologia do Esporte e a Criança**. Porto Alegre: Edipucrs. 2004.

SHERRILL, C. Past Present, Future. **Adapted Physical Activity Quarterly**, Champaign, IL, v.14, n.1, pp.1-7, 1997. Disponível em: <<https://eric.ed.gov/?id=ED411651>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

TASIEMSKI, T; BAERFEIND, J. Subjetive assessment of sports success in wheelchair rugby- propoosal of a new research tol. **Rev. Human moviment**. Cracóvia, v.14, n 2, p. 123-128, jun. 2013. Disponível em: <<https://www.degruyter.com/downloadpdf/j/humo.2013.14.issue-2/humo-2013-0014/humo-2013-0014.pdf>>. Acesso em: 9 jan 2017.

VILLELA, F. IBGE, 6,2% da população têm algum tipo de deficiência. **Empresa Brasil de Comunicações**, Brasília, 21 ago. 2015. Notícias. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/noticias/2015/08/ibge-62-da-populacao-tem-algum-tipo-de-deficiencia>>. Acesso em: 19 maio 2017.

WINCKLER, C, PARSONS, A. Esporte e a Pessoa com Deficiência: Contexto Histórico. In.: MELLO, M.T.; WINCKLER, C. **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Atheneu, 2012. Cap.1 p. 03-14.